



Trilhas e Experiências de uma Iniciante em Pesquisa¹

Stéfanie Telles DAL' FORNO²

Jiani Adriana BONIN³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

O propósito deste artigo é explicitar e refletir sobre minha primeira experiência de iniciação à pesquisa, realizada no último ano de execução do projeto *Mídia e Memórias: palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção*. Para tal, busco revisitar a experiência de conhecer os movimentos realizados anteriormente à minha inserção na pesquisa, bem como as atividades desenvolvidas a posteriori, juntamente à equipe que o executa. Evidencio, também, percepções e saberes adquiridos neste percurso, em particular o processo de coleta de dados da etapa sistemática do projeto, que possibilitaram meus primeiros passos no aprendizado da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa empírica; metodologia na pesquisa; *Mídia e Memórias*.

Introdução

Inseri-me no universo da pesquisa, como Bolsista de Iniciação Científica, no projeto *Mídia e Memórias: palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção*, em seu último ano de execução, 2009. O projeto de pesquisa busca compreender o papel configurador das mídias e sua relação com outros agentes na constituição da memória étnica de sujeitos de imigração história (italianos) e contemporânea (argentinos). O objetivo geral da pesquisa é investigar a construção dos palimpsestos de memória étnica destes sujeitos a fim de compreender como as mídias se instituem enquanto matriz, racionalidade produtora e ordenadora de memórias e sentidos. A pesquisa focaliza o âmbito da recepção, contemplando uma amostra de sujeitos dos grupos investigados pautada por diversidades relativas à configuração das memórias midiáticas.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Bolsista UNIBIC-Unisinos, membro do grupo de execução do projeto de pesquisa *Mídia e Memórias: palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção*, coordenado pela Prof^a Dr^a Jiani Adriana Bonin. Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo UNISINOS, email: stefanietelles@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Email: jjianiab@uol.com.br



Adentrar teoricamente e no âmbito da pesquisa na área da Comunicação era uma oportunidade e um desafio até então desconhecido por mim, talvez por estar acostumada a vivenciar, como aluna de jornalismo, as aplicações práticas oferecidas pelo curso e nunca ter sido apresentada a este outro horizonte, acessível ainda na graduação. Por isso, o desafio não foi apenas o de tomar conhecimento dos processos construtivos de uma pesquisa e de todas as oportunidades que este campo possibilita, mas também o de me inserir em um projeto que caminhava para a sua finalização. Isto fez com que minha inclusão nesta realidade se desse de forma duplamente desafiadora.

Mesmo iniciante, compreendo e arrisco-me a dizer que as etapas de uma pesquisa se realizam de forma articulada, alimentando-se mutuamente⁴. Sendo assim, limitar-me às processualidades finais da pesquisa tornaria minha contribuição para o projeto *Mídia e Memórias* e a minha formação como pesquisadora limitada, deixando lacunas nestes fazeres científicos, no caso, o não conhecimento, compreensão e apropriação das etapas anteriores que, com certeza, se mostrariam relevantes para dominar e pensar os processos de investigação em realização.

Para que isto não acontecesse, meu esforço direcionou-se para uma via de mão dupla. De um lado, juntamente com a equipe, executava a etapa sistemática da pesquisa. De outro, realizava uma busca, uma recuperação das etapas anteriores que nortearam o projeto e seus desdobramentos em atividades de *pesquisa da pesquisa, pesquisa teórica, pesquisa metodológica e pesquisa exploratória*, com o intuito de compreender o percurso e as definições estabelecidas até aquele momento.

Este trabalho de imersão possibilitou que eu compreendesse a importância e as especificidades de cada etapa na construção e sustentação do problema/objeto pesquisado, bem como as escolhas e os caminhos que se configuraram a partir delas. Com isto, pude contribuir de forma mais efetiva ao projeto, ao aliar as apropriações processuais das etapas já concluídas às atividades subsequentes.

Para a compreensão desta inserção em um projeto de pesquisa em andamento, busco neste artigo explicitar, em um primeiro momento, as descobertas e apropriações decorrentes da revisitação às etapas norteadoras da pesquisa - das quais não tive a

⁴ Este modo de compreender a pesquisa como processo articulado está presente também na reflexão de pesquisadores como Maria Immacolata Lopes e Gaston Bachelard.



oportunidade de vivenciar - e, em um segundo momento, relatar minhas primeiras experiências efetivas e as percepções adquiridas a partir da etapa sistemática do projeto.

Revisitando os processos metodológicos da pesquisa

A etapa da pesquisa da pesquisa se faz necessária para entender o estado dos conhecimentos relacionados ao problema/objeto investigado. Devido à ciência ser uma construção coletiva, como lembra Bonin (2006, p.30), este movimento busca dialogar com o “reservatório” de conhecimentos já produzidos em relação ao problema e, também, a partir de outros fenômenos que dialogam com o objeto em questão.

Minha aproximação a este movimento de diálogo com outras pesquisas foi relevante para conhecer outras abordagens trabalhadas a partir de conceitos teóricos mesmos ou semelhantes, e para compreender outras metodologias de pesquisa, das quais, em algum momento, mostraram-se possíveis de apropriação, modificação ou, apenas, entendidas em um processo consecutivo. Neste sentido, Mills (2009, p. 30) afirma que, ao manipularmos idéias existentes nos sentimos em continuidade com trabalhos anteriores. Pois é neste processo, penso, quando não só compartilhamos, mas nos apropriamos, modificamos e acrescentamos reflexões e percepções, é que entramos efetivamente no universo da pesquisa.

Ao retroceder à etapa da *pesquisa teórica*, pude conhecer e compreender alguns conceitos que ancoravam o problema/objeto da pesquisa *Mídia e Memórias*. Percebi também, que as teorias se articulam de diversas formas a todas as etapas da pesquisa, amparando não somente a compreensão do problema, mas cientificamente toda a investigação. Sem o entendimento de conceitos-chaves da pesquisa, dificilmente conseguiria contribuir nas outras etapas do projeto, a partir do momento que sua construção é indissociável e norteia a construção metodológica da coleta de dados.

A *pesquisa metodológica*, movimento importante para a instauração de processos de estudo, reflexão, desconstrução, reformulação e apropriação de propostas metodológicas (BONIN, 2008, p.124), possibilita delinear arranjos metodológicos que respondam às problemáticas da pesquisa em questão. Sem a compreensão dos subsídios que alicerçam esta fabricação pensada dos objetos, não há como dar prosseguimento efetivo às etapas



seguintes da pesquisa. Sendo assim, fica explícita a necessidade de retroceder a este movimento e apropriar-se de suas definições para que estas fossem aplicadas e redesenhadas na pesquisa sistemática, etapa que iniciou após minha inserção no projeto.

E para encerrar esta recuperação às etapas até então realizadas no projeto, deparei-me com a pesquisa exploratória. Um movimento de aproximação concreta àquilo que está sendo investigado (BONIN, 2006, p.35), onde os pesquisadores colocam em prática o estudo realizado na pesquisa teórica, na pesquisa da pesquisa e na pesquisa metodológica. Uma etapa onde se realiza o contato direto com o fenômeno pesquisado e que oferece subsídios para a concretização da problemática, para a reformulação e o investimento de ângulos conceituais norteadores do projeto. O conhecimento da etapa exploratória é, de certa forma, obrigatório, pois precede e alimenta a etapa sistemática da pesquisa.

Este trabalho de imersão e apropriação das etapas anteriores é de extrema necessidade pra quem se insere numa pesquisa em processo. Na minha iniciação à pesquisa, realizei-o ao mesmo tempo em que dava início, juntamente com os outros pesquisadores, à etapa sistemática da investigação. Sendo assim, o conhecimento e a compreensão de métodos e conceitos teóricos definidos anteriormente foram se realizando aos poucos, na medida em que era possível intercalar tais atividades. Por isso, penso que minha contribuição ao projeto também foi, efetivamente, se realizando gradativamente, conforme se construía minha compreensão sobre a pesquisa investigada.

Vivenciando a pesquisa empírica

Meus primeiros passos como pesquisadora iniciante foram dados quando se realizava a etapa sistemática da pesquisa *Mídia e Memórias*, em um movimento de coleta de dados empíricos com uma amostra de imigrantes e descendentes de italianos e argentinos definidos a partir da etapa exploratória.

Antes de sairmos a campo para essa reaproximação aos entrevistados – que no meu caso se tratava de um primeiro contato -, definimos, baseados nas entrevistas da etapa anterior, uma amostra qualitativa de cada grupo étnico pesquisado, primeiramente do grupo de imigração histórica (italianos), e depois do grupo de imigração contemporânea



(argentinos). Com isto, cada amostra foi composta por cinco sujeitos, a partir de critérios que atentassem às necessidades do problema/objeto pesquisado, a saber: sujeitos que apresentaram referentes midiáticos diversos, outros cenários e agentes configuradores de suas memórias, sentimento de pertença – negação ou identificação -, além dos critérios utilizados para equacionar e qualificar a amostra como: gênero, idade, escolaridade, classe de trabalho, setor de atividade e cidade onde reside. Para esta atividade, o conhecimento da etapa exploratória se mostrou relevante. Por isso, realizei anteriormente uma leitura reflexiva de todas as entrevistas daquela etapa para que pudesse estar apta a colaborar na construção dessas amostras.

Posterior a esta definição e dando seguimento à construção metodológica dos procedimentos para a coleta de dados, elaboramos um novo roteiro para nortear as entrevistas baseado, também, em elementos do roteiro da etapa anterior, para coletar os relatos de memória étnica midiaticizada, que atentasse para as especificidades e aprofundamento necessários para aquela etapa. Este procedimento foi realizado tanto para as entrevistas com a amostra de imigrantes italianos, quanto para a amostra de imigrantes argentinos, pois, devido à especificidade da imigração histórica e/ou contemporânea, algumas perguntas sofreram modificações para atender às necessidades de abordagem para cada etnia. Esta construção exigiu com que eu me aproximasse previamente dos procedimentos definidos e utilizados na etapa anterior, como os roteiros, a forma com que foram aplicados, os principais pontos a serem observados além da própria entrevista e os relatórios de observação, para que pudesse questionar e sugerir outras possibilidades de abordagem neste movimento.

Após a definição das amostras e a construção do roteiro, entramos em contato primeiramente com os imigrantes e/ou descendentes de italianos e saímos a campo para a coleta de dados. Foram realizadas em torno de duas sessões de entrevista com cada sujeito, com duração média de 1h30min. Nas primeiras entrevistas, atuei de forma secundária, observando os passos do bolsista mais experiente e integrante do projeto, acompanhando a aplicação do roteiro e todas as situações que se instauravam nos diversos ambientes. Como refere Winkin (1998, p. 133), no trabalho de campo é preciso que a observação possa ser sistematizável, através de um controle do olhar baseado numa primeira sistematização dos momentos de observação. Desta forma, pude apreender os modos, estratégias e procedimentos possíveis de serem aplicados nestes



encontros, o que tornou minha colaboração mais efetiva a cada entrevista. Quando iniciamos a aplicação do roteiro aos imigrantes argentinos, possuía um domínio muito maior dos procedimentos de coleta.

Outra atividade que colaborou para minha inserção nestes fazeres científicos foi a elaboração de relatórios de observação após cada entrevista. Como lembra Mills,

você deve organizar um arquivo, o que é a maneira de um sociólogo dizer: mantenha um diário; a necessidade de reflexão sistemática em que o sociólogo se vê exige isso. O diário será o lugar do corpo-a-corpo consigo mesmos ante o mundo social estudado. (MILLS, 2009, p. 22)

Esta atividade é relevante na configuração de sentidos e compreensões dos fenômenos observados, exige maior atenção e percepção do pesquisador durante o encontro, além de uma reflexão posterior do que foi realizado e uma compreensão crítica do que pode ser melhorado na postura do próprio entrevistador.

Para a produção destes relatórios, onde buscamos administrar simultaneamente observações, leituras, reflexões e frustrações (WINKIN, 2009, p. 138), tentamos perceber todas as situações que se instauram, bem como tudo aquilo que está presente no ambiente. Realizamos o exercício de apreender a própria situação da entrevista, como percebemos o entrevistado, as suas reações em relação à conversa, a postura do entrevistador num espaço de estranhamento e, ainda, as marcas identitárias e de memória presentes no local e nos objetos relativos à identidade do sujeito, além de indicadores de condição sócio-econômica do pesquisado.

As vivências relacionadas às estratégias metodológicas para apreender o objeto empírico posso dizer que foram as mais instigantes em todo o processo do qual estive inserida. A relação entre pesquisador e pesquisado é desafiante. Mesmo definindo roteiros, estes não se apresentam de forma engessada, pois há a necessidade de adaptá-los a cada entrevista conforme a situação e a relação que se estabelece, bem como as dificuldades e até as facilidades que se apresentam no decorrer do encontro. Como refere Bachelard,

a posição do objeto científico é muito mais complexa, muito mais comprometida. Reclama uma solidariedade entre método e experiência. É necessário, pois, conhecer o método para conhecer, para captar o projeto a



conhecer, isto é, no reino do conhecimento metodologicamente valorizado, o objeto é suscetível de transformar o método de conhecer (BACHELARD, 1971, p.135).

Ao compartilhar da ideia deste autor, compreendo que o pesquisador tem que estar aberto para reconhecer os limites dos mesmos diante das particularidades do objeto empírico, bem como estar apto a apreender as possíveis colaborações manifestadas nas entrelinhas pelo próprio objeto.

O entrevistador tem que buscar, também, estabelecer uma relação de confiança e de reciprocidade com o entrevistado, obrigar-se a estar dentro, a jogar o jogo, a não enganar os membros “naturais” do lugar (WINKIN, 1998, p.140), apresentando sempre de forma clara os objetivos que o fazem estar ali, naquele dado momento. Sem esquecer-se de deixar o pesquisado ciente de que a não lembrança não é um erro, que não lembrar faz parte do trabalho de rememoração instaurado nesta pesquisa. Com isso, o entrevistado sente-se mais confiante e seguro diante dos pesquisadores e também do gravador, que instaura limitações e reações diversas nos encontros.

Outro aprendizado e desafio interessante que cito desta etapa é o papel de observador do pesquisador. Por ter de produzir relatórios após cada encontro e de ter a responsabilidade posterior de analisar todos os dados coletados, exercer a função de entrevistador e observador ao mesmo tempo não é tarefa simples. Como refere Bachelard (1971, p.17), “a nossa captação imediata do real não atua senão como um dado confuso, provisório, convencional, e esta captação fenomenológica exige inventário e classificação”. A atenção tem que estar voltada não só para o roteiro e a fala do entrevistado, mas também para tudo o que está em volta, bem como a relação que se instaura naquele ambiente e a própria apresentação física do pesquisado. Estas percepções são relevantes para pesquisa, pois dizem muito sobre o problema/objeto do *Mídia e Memórias*.

Com estas experiências fica nítida, a meu ver, a importância de conhecer e vivenciar cada etapa de uma pesquisa, pois os resultados obtidos ao longo do processo só se tornam possíveis a partir da interseção destes movimentos.



Para concluir: trilhas em construção

O desafio de vivenciar os fazeres de pesquisa projeto *Mídia e Memórias* por uma via de mão dupla - entre a revisitação e a continuidade da pesquisa -, me permitiu adquirir, de forma intensa, aprendizados metodológicos importantes para a compreensão da construção da arquitetura de uma pesquisa.

Na experiência de revisitação aprendi a importância do desenvolvimento, conhecimento e envolvimento do pesquisador em cada etapa de uma pesquisa, e a necessária articulação destas no decorrer do processo. Na etapa sistemática, experienciada quando da continuidade do projeto, tomei conhecimento dos procedimentos de coleta de dados utilizados neste momento de aproximação concreta e mais aprofundada ao que está sendo pesquisado, bem como compreendi o papel essencial de observador do pesquisador.

Entre os procedimentos metodológicos relevantes os quais aprendi cito a produção e reformulação de roteiros que atentem às especificidades da realidade dos entrevistados, a aplicação destes de acordo com o tempo e a situação estabelecida, e a condução da entrevista de forma proveitosa e não cansativa para o pesquisado e o pesquisador. Relevante também é a conquista de uma relação de confiança e de reciprocidade com o entrevistado para um bom andamento da entrevista, bem como saber observar e apreender o que está a sua frente e a sua volta para uma eficiente compreensão do fenômeno pesquisado. Por fim, a produção de relatórios de observação posterior a estes encontros é importante para o exercício de observar, mas principalmente para o ato de refletir sobre a situação da coleta, o papel do investigador, além de registrar dados que ajudam na compreensão do problema investigado.

Outro aprendizado, tão importante quanto estes citados a cima, foi a experiência de trabalhar em equipe na pesquisa e de participar, paralelamente ao projeto, ao grupo de pesquisas Processocom - Processos comunicacionais: epistemologia, mediação, mediações e recepção - formado por estudantes de graduação, mestrados, doutorandos, professores-pesquisadores da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e de outras instituições do país. Pesquisar coletivamente é um desafio e aprendizado constante, reclama solidariedade, paciência e dedicação, além de dois fatores que penso



serem os principais: humildade e discernimento. Quando nos abrimos a críticas e sugestões dos mais experientes e utilizamos estes dois fatores em relação a tudo àquilo que nos é dito, o trabalho científico, naturalmente, ganha forma e sentido.

Portanto, estes primeiros passos como Bolsista de Iniciação Científica mostraram que é possível desenvolver um trabalho intelectual relevante e responsável mesmo como pesquisadora iniciante. Todos os aprendizados, valores e interesses adquiridos nesta pequena experiência, resultaram em conquistas importantes para minha formação pessoal e profissional, além de motivarem a continuação dessa caminhada científica na comunicação.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1971.

BONIN, Jiani Adriana. **Mídia e Memórias**: palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção. Projeto de pesquisa UNISINOS 2006-2009, São Leopoldo, 2006, 30p.

_____. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e processualidades de construção de um projeto. In: Efendy Maldonado et. al. **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 21-39.

_____. **Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação**. Revista FAMECOS, v. 37, p. 121-127, 2008.

_____. A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. In: MALDONADO, Efendy et. al.: **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa: PROCESSOCOM – PPGCC/UNISINOS/ Editora Universitária da UFP, 2008, p. 135-152.

WINKIN, Yves. **Descer Ao Campo** In_____. *A Nova Comunicação*: da teoria ao trabalho de campo. São Paulo: Papirus, 1998, p.129-145.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, 95 p.